

terrasdabeira

Imprimido em 26-02-2015 11:20:41

Jornal TERRAS DA BEIRA

Edição de 26-02-2015

Versão original em: <http://www.terrasdabeira.com/index.asp?idEdicao=910&id=46176&idSeccao=8156&Action=noticia> >

SECÇÃO: Opinião

A palavra a um dos fundadores da ANCRA

Tem-se ouvido muito alarido em torno do lobo. São os ataques, os pagamentos tardios e curtos, a exaltação de uns quantos que preferem as palavras aos actos na efectiva protecção do seu gado.

E não é fenómeno exclusivo da área do Projecto MedWolf. Ainda há dias surgiram notícias de Cinfães, distrito de Viseu, com comunicados irresponsáveis e alarmistas a referir inexistentes exigências do ICNF, a propagar o mito das “largadas” de lobos e insinuando que este predador é uma ameaça à segurança das pessoas.

Tristemente, ali até existem associações que intimidam os criadores que usam medidas de protecção eficazes, recomendando-lhes que “não façam ondas”. Acicatar as populações já esteve quase a ter resultados funestos – o que pode bem vir a acontecer nos próximos dias.

Urge recuperar a calma e recordar a lei: é legítimo exigir pagamentos de compensações atempados e justos – é ilegal incitar à violência ou ao abate de animais protegidos por lei.

É por isso uma boa ideia dar a palavra ao Sr. Mário Luís, criador e co-fundador da Associação Nacional dos Criadores da Raça Arouquesa, no epicentro destes episódios. Começando pelo regresso à verdade: “A vacada de mais de cem vacas, referida na comunicação social e na Assembleia da República, não é de Cinfães e terá ido para o Alentejo por... transumância”.

Prossigamos: “A serra de Montemuro foi durante séculos utilizada para o pastoreio de rebanhos oriundos dos concelhos próximos da serra da Estrela. O que se verificou, com o abandono da transumância, foi a utilização, por uma parte do povo, dos terrenos baldios, sem qualquer melhoramento que servisse o interesse colectivo.

Aquelas áreas de baldio foram ocupadas não para um pastoreio normal em determinadas épocas do ano, como antes, mas sim por uma questão aritmética de encabeçamento animal, em função das áreas exigidas pelas candidaturas aos fundos comunitários (tantas vacas para tantos hectares; tantos hectares, tanto de subsídio...). Como a pecuária sem terra dá mais trabalho e não dará subsídios, há que usar os baldios! É um raciocínio deveras fácil para uns tantos pecuaristas que nunca se interrogaram sobre a real sustentabilidade dos seus gados naqueles baldios, quase todos acima dos 700-800 metros de altitude.

Àquela altitude, quem é que está a invadir o território de quem?

Ora imaginemos:

- Uma vaca arouquesa em “pasto” naquelas serranias e que vê chegar uma parição do fruto de um salto não visto nem anotado, logo, uma prenhez não controlada;
- O parto ocorreu em situações atmosféricas adversas: muito nevoeiro, muita chuva e muito frio;
- A cria nasce e não há ninguém que a vigie e a cuide;
- Aquela cria não reage, bem como a sua mãe por tão exausta e debilitada se encontrar e sem o conforto de um bom sítio;
- Espera-se o pior... e então o lobo aparece!

O lobo mata, mas também se aproveita das circunstâncias vulneráveis e das enfermidades das suas presas. As vacas e as crias foram-lhes oferecidas... foram colocadas à sua mercê!

Quantas vacas morreram naturalmente naquelas serranias? Quantas se traumatizaram naqueles barrancos? Quantas vacas estão cobertas e quando? Quantas crias nasceram? Os seus donos saberão? E os serviços oficiais? Os donos conhecerão os seus animais? Pelo nome? Pela pelagem? Pela cornamenta? Pelo brinco auricular? Pelo bolbo ou “chip”?

Para finalizar:

Acredito que os lobos se reproduzem e criam com mais facilidade por via da fartura de alimentação que lhes é disponibilizada. E que os danos provocados pelos lobos deverão ser justa e oportunamente reparados.

Mas, senhores criadores e detentores de bovinos da raça arouquesa: os nossos bovinos merecem o nosso respeito e todo o nosso cuidado para que se atinja aquilo porque se tem lutado tanto e que é, como todos devemos saber, o BEM-ESTAR ANIMAL. Essa meta só se conseguirá quando se abandonarem certas práticas e certas “paixões” que nada têm a ver com a criação de animais domesticados.

Quer os lobos, quer os bovinos em apreço, são fruto da Natureza que admiramos e contemplamos. Exige-se respeito, compreensão e harmonia.”

Texto produzido no âmbito do Projecto LIFE Med-Wolf, co-financiado pela Comissão Europeia, integrando o programa LIFE.

© 2003 Terras da Beira - Produzido por ardina.com, um produto da Dom Digital.

Comentários sobre o site: webmaster@domdigital.pt.

[Fechar](#)

